

TRABALHO (MAIS) INTENSO !

*Paulo F. Keller**

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea.** São Paulo: Boitempo, 2008 (Mundo do Trabalho), 207 p. (ISBN 978-85-7559-119-2)

O livro do professor Sadi Dal Rosso da Universidade de Brasília constitui uma sólida contribuição para a análise de processos de intensificação do trabalho. Contribui de forma significativa para a compreensão do movimento recente de intensificação do trabalho. Se por um lado a reestruturação produtiva capitalista reduziu o número de empregos por outro lado ela gerou “mais trabalho”. Trabalhos mais intensos que requerem maior esforço físico, mental e/ou emocional. Em particular a emergência do trabalho polivalente que faz com que o trabalhador tenha que se desdobrar em diversas tarefas de forma sucessiva, tornando quase impossível ao trabalhador gozar de pequenos intervalos de descanso ao longo da jornada de trabalho.

Na primeira parte do livro Dal Rosso aprofunda o conceito de intensidade do trabalho para explicar o fenômeno da intensificação do labor na sociedade contemporânea, em particular a recente onda de intensificação que se verifica desde os anos 1980. O autor argumenta que qualquer trabalho é realizado segundo determinado grau de intensidade, ou seja, a intensificação é uma condição intrínseca a todo trabalho concreto. Ponto importante na análise de Dal Rosso é sua consideração do trabalhador em sua totalidade de pessoa humana que desenvolve sua atividade de trabalho enquanto força física, intelectual e emocional.

Dal Rosso entende *intensificação* como “a condição pela qual requer-se mais esforço físico, intelectual e emocional de quem trabalha com o objetivo de produzir mais resultados, consideradas constantes a jornada, a força de trabalho

* Doutor em Ciências Humanas (Sociologia) pela PPGSA/IFCS/UFRJ. Professor Adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia – UFMA.

empregada e as condições técnicas” (p.42). Argumenta que na raiz da noção de intensificação está o fato de que todo ato de trabalho envolve dispêndio (qualitativo ou quantitativo) de energias (físicas, psíquicas e emocionais) do trabalhador ou do coletivo de trabalhadores.

Trabalhar mais ou de forma mais intensa supõe um gasto maior de energias pessoais que resulta em uma fadiga mais acentuada, conseqüentemente trazendo efeitos pessoais nos campos fisiológico, mental, emocional e relacional.

Em sua análise do movimento contemporâneo de intensificação do labor, Dal Rosso não perde de vista o fato de que no modo capitalista de produção o controle da intensidade sai das mãos do trabalhador e é, total ou parcialmente, definido pelo empregador. Desta forma, o grau de intensidade resulta de uma disputa, de um conflito social que opõe o interesse dos trabalhadores ao dos empregadores.

Na primeira parte do livro Dal Rosso faz uma distinção das noções de intensidade e produtividade, ponto importante já que conceitualmente o aumento da produtividade difere do aumento da intensidade.

Na busca de explicar o complexo fenômeno da intensificação do labor, Dal Rosso não deixa de lado o tema das formas de trabalho imateriais, enriquecendo sua análise. O trabalho dito imaterial também é profundamente transformado por práticas intensificadoras. A princípio, a intensificação ocorre em todas as atividades que concentram grandes volumes de capital e que desenvolvem competição sem limites e fronteiras. Dal Rosso levanta a hipótese de que o trabalho estaria sofrendo uma pressão impar por intensificação nos setores que concentram grandes capitais, como finanças por exemplo.

A abordagem que Dal Rosso faz da intensificação do trabalho imaterial contribui de forma significativa para a atualização da teoria do valor trabalho. Dal Rosso propõe o alargamento de categorias tradicionais e a incorporação da questão da produção do valor nas diversas atividades consideradas imateriais, proposta legítima considerando o fato de que o trabalho no setor de serviços contribui para gerar valor.

Sua abordagem traz novas perspectivas para entendimento de sociedades em que a maioria das atividades de trabalho se localiza no setor de serviços e levanta a possibilidade de surgimento de outros paradigmas de intensificação não necessariamente procedentes do paradigma industrial.

Ainda na primeira parte Dal Rosso debate os antecedentes históricos do fenômeno da intensificação, o que contribui para compreender a especificidade da onda de intensificação do labor contemporâneo. Em sua análise histórica Dal

Rosso afirma que o grau de intensidade pode ser aumentando de duas maneiras basicamente: primeiro como fruto das transformações tecnológicas que faz crescer a carga de trabalho, segundo como resultado da reorganização do trabalho. Ou seja, o grau da intensidade varia de forma combinada ou isolada como resultado das mudanças tecnológicas e das mudanças organizacionais. Assim, Dal Rosso faz uma descrição sistemática dos grandes sistemas de intensificação em sua evolução histórica, desde a revolução industrial dos séculos 18 e 19, passando pelo taylorismo e fordismo, até o toyotismo.

Na segunda parte do livro Dal Rosso enfatiza a debilidade de tratamento teórico e empírico da questão no Brasil e na América Latina, assim como as debilidades em âmbito mundial. Traz uma reflexão e uma classificação das técnicas de pesquisa empírica para o estudo da intensidade do trabalho.

Dal Rosso parte da hipótese de que existe uma grande diversidade de graus de intensidade, em função das distintas formas de organização do trabalho e levando em consideração que o tema da intensificação do trabalho é muito complexo. Dal Rosso levanta a questão: As maneiras pelas quais o trabalho se torna mais intenso são idênticas em todos os setores de atividade?

No trabalho de campo no Distrito Federal a estratégia foi o levantamento de informações junto a assalariados utilizando como meio de coleta um questionário padronizado. A economia do Distrito Federal foi dividida em três agrupamentos de ramos de atividade: capitalista moderno, o tradicional e o governamental-estatal. Os dados da amostra de trabalhadores assalariados dos setores público e privado do DF foram coletados entre 2000/2002, entre assalariados com no mínimo dois anos de experiência no seu ramo de atividade. Foram 825 os trabalhadores assalariados entrevistados que fizeram parte da amostra. Fato que enriquece o livro de Dal Rosso é serem os próprios trabalhadores os sujeitos das informações sobre a intensificação do trabalho.

A grande pergunta: O trabalho é mais intenso hoje? Os resultados da pesquisa de Dal Rosso revelam que 43,2% dos assalariados consideram o trabalho mais intenso (a maioria dos entrevistados). E nos oito ramos de atividade investigados o processo de intensificação está firmemente implantado. A pesquisa constata que o trabalho está se tornando mais intenso em nosso país.

Dal Rosso traz dados estatísticos novos e reveladores e produz uma análise minuciosa que cruza os diferentes ramos da economia com os diversos meios de intensificação do labor. Os cinco meios pelos quais o trabalho é tornado mais intenso utilizados na análise são: alongamento das jornadas; ritmo e velocidade; acúmulo de atividades; polivalência, versatilidade e flexibilidade; e, gestão por

resultados. Desta forma, o livro de Dal Rosso consegue abarcar a diversidade da intensificação do trabalho na sociedade brasileira contemporânea.

O livro de Dal Rosso contribui para a explicação do fenômeno da intensificação do labor na sociedade contemporânea em sua *diversidade* considerando diversos ramos de atividades (com destaque para os mais impactados pela competição capitalista internacional) e diversos mecanismos de intensificação em cada ramo particular da economia. Este é o grande mérito do livro já que o processo de intensificação não é homogêneo.

O professor Antonio David Cattani (UFRGS), na apresentação do livro de Sadi Dal Rosso, destaca o significado da obra nos estudos do trabalho: “A obra *Mais trabalho!* é um desmentido cabal às interpretações apologéticas da superioridade do capitalismo e às teses equivocadas sobre o fim da centralidade do trabalho, sobre o surgimento da “sociedade da inteligência” ou da “comunicação”, de um capitalismo pós-industrial sem trabalhadores” (p.9).